

O SILÊNCIO DA MEDITAÇÃO E O DESAFIO EDUCATIVO DIANTE DAS SOCIEDADES TECNOLÓGICAS

Samuel Lopes Pinheiro

e-mail: samuelshankara@gmail.com

Humberto Calloni

e-mail: hcalloni@gmail.com

Resumo:

O artigo é um esforço reflexivo que perpassa uma abordagem interdisciplinar entre educação, sociedade e tecnologia. Para isso se vale de uma descrição sobre como alguns sociólogos e filósofos compreendem a modernidade e sobre o salto das novas tecnologias nas últimas décadas e como isso importa na questão sobre os ruídos da informação que ecoam nas sociedades tecnológicas da contemporaneidade. Diante desse cenário, a preocupação da reflexão se centra em compreender sobre o silêncio meditativo de inspirações orientais para compor os sentidos de tempo de autoprodução de si, ou ainda, tempo de autocuidado e de cuidado com o outro. Esses sentidos de silêncio e meditação evocam aproximações com os conceitos de Aprender a Ser e o Aprender a Viver como movimentos educativos que se afinam com um intento transdisciplinar em educação que se lança na busca por uma formação humana não apenas reduzida à técnica, mas também voltada à formação do espírito humano.

Palavras chave:

Educação, Meditação, Silêncio, Sociedade, Tecnologia.

The Silence of Meditation and the Educational Challenge to Technological Societies

Abstract:

The article is a reflexive effort that crosses an interdisciplinary

approach between education, society and technology. For this, it uses a description of how some sociologists and philosophers understand modernity and the leap of new technologies in the last decades and how it matters in the question about the noises of information that makes echo in the technological societies of the contemporaneity. In this context, the focus of reflection is on understanding the meditative silence from Eastern inspirations in order to compose the sense of time for self-production of self, or even a time for self-care and care for the other. These senses of silence and meditation evoke approximations with the concepts of Learning to Be and Learning to Live as educational movements that are refined with a transdisciplinary intent in education that launches in the search for a human formation not only reduced to the technique, but also directed to the formation of the human spirit.

Keywords:

Education, Meditation, Silence, Society, Technology.

136

Introdução

Nas páginas a seguir os autores deste Artigo sondam questões que rondam a perplexidade do presente século e sugerem medidas cautelares contra a irrupção de um possível abismamento do ser humano numa aventura sem retorno ao passado, por vezes evocado pelas reminiscências do que outrora parecia o ideal de um mundo irrigado pela racionalidade instrumental.

Quando acreditávamos que as ciências e as tecnologias poderiam conferir a liberdade ao *sapiens* aprisionado ao seu trabalho rotineiro e assim gozar um mínimo de autêntico convívio de lazer e bem-estar com seus pares, eis que a mesma tecnociência, governada por instâncias que fogem à compreensão do domínio de entendimento comum, subjuga a espécie e a torna refém de um estremecimento

inaudito quanto ao futuro que se afigura logo ali adiante. As novas tecnologias da informação aliadas à automação robótica, inteligência artificial, biotecnologias capazes de nos transfigurar em meros algoritmos descartáveis, sinalizam um mundo que se abre ao desencantamento já presente em Hannah Arendt, mas que agora tem o agravamento que a própria filósofa quem sabe, não cuidava de atentar e que se dirige diretamente à sua autoestima: a sua irrelevância para o mundo. Esse prognóstico pessimista e ao mesmo tempo plausível de ser levado a sério é exaustivamente refletido por Yuval Noah Harari (2018) em seu “21 lições para o século 21”, um texto curioso que nos remete ao centro de gravidade da etapa crucial por que passa o capitalismo em mais uma de suas encruzilhadas.

Contudo, os autores deste trabalho acreditam na Educação e na construção de projetos sociais que possam oferecer alternativas aos impasses mórbidos da civilização global hodierna. A Educação sempre foi e será a ação que o ser humano exerce sobre si e seus pares para desinstalar a barbárie da sua alma e instaurar os desígnios anímicos que transcendem e ao mesmo tempo dão forma à vida prática, ao cuidado de si, à moral ou à ética. É certo que a noção de Educação é abstrata neste nível de entendimento e pode sugerir a sua contradição imanente quando se sabe que é também através da Educação que os instrumentos de opressão e barbárie se valem, notadamente pelos grupos que detém o poder econômico e consequentemente político, no caso do liberalismo econômico ou outro modelo societário: o ser humano é o mesmo em toda parte malgrado suas profundas diferenças.

A globalização tem sido o ideal dos estados de livre mercado para dar conta de contratos mercantis que viabilizassem o mercado aberto aos diferentes produtos entre si. Porém, o ideal da globalização ou mundialização do mercado foi realizado com melhor desempenho em nível da informação ou das Tecnologias da Informação do

que por alfândegas de livre trânsito. O mundo macdonaldizou-se, isto é, tornou-se familiar, e isso quer dizer que para o liberalismo econômico burguês não há – ou, pelo menos, não deveria haver – barreiras físicas ou virtuais para o grande mercado capitalista. Assim é que no Brasil, um supermercado pode ser tão familiar a um chinês quanto um brasileiro em visita a Tóquio ao entrar numa loja física de supermercado, com exceção, evidentemente, do acréscimo logístico e tecnológico já existente naquele país. Mas o fato é que o mundo local se tornou aparentemente semelhante em nível global, e isso graças às tecnologias da informação que, virtuais, tornam o universo uma grande rede ou “aldeia global”, expressão já utilizada por McLuan.

De qualquer forma, a Educação pode, apesar de sua imanente contradição quando “utilizada” meramente para o ideal instrumental, ser uma aliada do ser humano não apenas na construção de sua identidade racional e afetiva, mas igualmente na mira de sua formação humanista. Daí que a práxis tanto inter quanto transdisciplinar serem leituras de mundo que irrigam os vasos sanguíneos vitais do conhecimento aberto ao real e suas diferentes dimensões. A abertura ao real através das conexões inerentes à complexidade da mente humana torna sensível, por sua vez, a fonte da onde verte o manancial cósmico do mistério da vida e apuram a percepção da unidade na diversidade e vice-versa.

A Educação, voltada à formação humana, significa o entendimento da nossa dimensão finita e da necessária continuidade de humanização da animalidade que constitui igualmente a nossa etapa histórica e evolutiva. Se assim é, a transdisciplinaridade tornada paradigma, viabiliza-se como práxis decisiva para um possível redirecionamento do atual estágio de perplexidade do mundo, na medida em que

a Razão tem essa aptidão de desdobrar-se em afeto, compaixão e solidariedade. Em autoética.

A fim de que a Razão possa municiar-se desses expedientes universais que são a empatia, o afeto, a compaixão, a solidariedade e outros sentimentos presentes no íntimo de cada ser humano em geral, com o fim último de humanizar o humano numa sinergia comunitária universal, é também fundamental que a prática do silêncio e da escuta atenta, autêntica, sejam percebidos como inerentes à leitura de mundo transdisciplinar. É nessa medida que o Oriente tem muito a nos ensinar e nós, ocidentais, temos muito a aprender com a prática do silêncio e do valor da meditação.

Para tal esforço reflexivo, os autores apresentam aqui uma pesquisa bibliográfica que passa por diferentes textos que trazem os aportes de conhecimentos orientais acerca do silêncio de meditação e da filosofia Vedanta. Grande parte das reflexões que aqui estão dispostas já estavam de forma embrionária em dissertação de Mestrado em Educação Ambiental finalizado em 2017 pelo primeiro autor. Por sua vez, o interesse pelas temáticas orientais se justifica porque este autor traz em sua prática de vida a experiência direta com o ensino e aprendizagem de Yoga e Vedanta desde 2011, em diferentes espaços de ensino formais e informais, dentre eles na Universidade Federal de sua região. O método complexo nos permite abraçar a trajetória de vida dos autores com suas dimensões subjetivas que não se separam da reflexão objetiva dos textos científicos.

E para fins de explorar essa dimensão transdisciplinar do conhecimento tornado sabedoria, os autores deste Artigo ainda apresentam um capítulo especialmente conectado para a dimensão do Aprender a ser ao final do texto.

O desafio interdisciplinar do trinômio: educação-sociedade-tecnologia

“Por que, a despeito de um mundo tecnológico edificado sobre a racionalidade e a lógica, o mundo vai tão mal?”

Michel Random

A globalização Ocidental que impera nos modos de ser do mundo contemporâneo provocou mudanças significativas nas últimas décadas do século XX e inícios do século XXI, principalmente no quesito que aqui destacamos, na relação sociedade-indivíduo que se deu, dentre outros, com o advento dos avanços tecnológicos nos mais diversos setores e escalas. Acompanhamos desde os anos de 1990 uma forte expansão dos meios de informação e da comunicação de massa, que provocou novas formas de socialização dos indivíduos, modificando inclusive as formas de aprendizagem.

140

Para pensar os processos de avanços tecnológicos, é necessário compreender de forma maior o que vem a ser a globalização e modernidade, ou a chamada hipermodernidade para alguns autores. Embora o termo globalização tenha controvérsias quanto aos seus usos e datações históricas, acreditamos que seja prudente complexificar o entendimento de globalização, no sentido de não fechar em apenas uma única compreensão. Há diferentes autores, dentre eles sociólogos e filósofos, como o francês Gilles Lipovetsky (1944-) e o polonês Zygmunt Bauman (1925-2017) que fazem em suas análises, diagnósticos acerca de quês patamares sociais nos encontramos neste processo de mundialização. Para Lipovetsky (2012, p.5):” a globalização constitui uma nova realidade objetiva da história, sendo ao mesmo tempo uma realidade cultural, um fenômeno de percepção da consciência, da percepção e da emoção”. Ele trata do conceito de hipermodernidade para caracterizar este atual período que vivemos como uma terceira fase da modernidade, em que o

prefixo *hiper* é o grande adjetivador de vários sintomas vivenciados em escala societária, como o hiperconsumo e hipernarcisismo, e que estão diretamente ligadas a nova demanda e oferta de tecnologias de uso privadas que nos conectam à rede informacional em escala global. Ou seja, o termo *hiper* é um caracterizador de uma espiral hiperbólica que intensifica características do próprio entendimento de modernidade. Lipovetsky (2004) ainda trata da sensação de que o tempo se rarefaz na contemporaneidade, pois de certo modo houve uma sensação da redução de espaço e uma aceleração do tempo.

Daqui para frente, a Técnica- isto é, a cultura da eficácia generalizada e ilimitada – invade todo o planeta. Não só pela universalização do uso das máquinas, como também pela transferência, a todas as culturas, de um estilo de vida, de uma forma de pensar, de um modo de organização do trabalho, da produção e da educação. De fato, fora das vias do tecnicismo exponencial, da utilização otimizada dos meios disponíveis, da espiral da alta tecnologia, não há saída. Em todo o mundo, o sistema técnico criado pelo Ocidente é instaurado como um imperativo absoluto, como via de acesso ao desenvolvimento e como condição para a construção do futuro (Lipovetsky, 2012, p. 26).

Em termos distintos, porém com teor similar, encontramos Zygmunt Bauman (2001) que relata uma sensação de liquidez conferida pelo atual estágio da modernidade. A imagem do líquido como metáfora para caracterizar a fluidez da modernidade. Para Bauman (2001, p.15), “a modernidade começa quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si, e assim podem ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia e da ação”. Característica esta de separação entre tempo e espaço que podemos notar como aspectos que estavam entrelaçados nos séculos anteriores chamados de pré-modernos.

Ainda sobre esta questão, podemos encontrar numerosa bibliografia de pensadores que se contrapõe a ideia mesma de modernidade, apresentando por um lado os avanços que representaram

os processos industriais, tecnológicos e informacionais, mas por outro os embustes conceituais advindos da modernidade. A exemplo disto, tivemos uma grande aposta no predomínio da razão como única via de solução das problemáticas sociais, e, por conseguinte, também das questões educativas no período que se convencionou chamar de moderno. Diante do exposto, podemos compreender com o processo da modernidade como sendo um paradoxo no sentido que o pensamento complexo entende pela palavra paradoxo, pois a força libertadora que a modernidade prometia em seu nascedouro, enfraquece a medida que a própria modernidade avança. Um dos autores que nos provocam a pensar a crise da modernidade é Alain Touraine (1994, p .102) que em seu livro *Crítica da Modernidade*, aponta três etapas de uma crise da modernidade: ” o esgotamento do movimento inicial de liberação e a perda de sentido de uma cultura que se sentia enclausurada na técnica e na ação instrumental” como sendo as duas primeiras etapas, e que conduzem a uma terceira etapa que é a de “colocar em questão não as carências da modernidade, mas seus próprios objetivos positivos”.

Contudo, identificamos a complexa teia de conhecimentos que se fazem necessários para refletir sobre o momento atual, caracterizado pela alta disponibilidade de informações a partir do uso de novas tecnologias, e sobre aquilo que tange a interação para o trinômio que aqui destacamos de educação-sociedade-tecnologia. Para este desafio, Edgar Morin, nos aponta o caminho do pensamento complexo:

De fato a hiperespecialização impede ver o global (que fragmenta em parcelas) assim como o essencial (que dissolve). Ora os problemas essenciais nunca são parcelares e os problemas globais são cada vez mais essenciais. Além do mais, todos os problemas particulares, só podem ser colocados e pensados corretamente no seu contexto e o próprio contexto destes problemas deve ser colocado, cada vez mais, no contexto planetário. Ao mesmo tempo, o recorte das disciplinas torna incapaz o ajuizar do que é tecido em conjunto, ou seja, segundo

o sentido original do termo, o complexo. O desafio da globalidade é, portanto, ao mesmo tempo, um desafio de complexidade. Com efeito, existe complexidade quando são inseparáveis os componentes diferentes constituindo um todo (como o econômico, o político, o psicológico, o afetivo, o mitológico) e que existe tecido interdependente, interativo entre as partes e o todo, o todo e as partes. Ora os desenvolvimentos, próprio de nosso século e à nossa era planetária, afrontam-nos cada vez mais e cada vez mais inelutavelmente aos desafios da complexidade (Morin, 1999, p. 13-14).

Neste caminho do pensamento complexo, compreendemos que para refletir sobre as sociedades tecnológicas que estamos vivenciando, no sentido de sociedades que avançam no uso de tecnologias, é preciso partir de múltiplos campos do conhecimento para o enfrentamento dos desafios que este cenário nos adverte. Assim, é preciso a interdisciplinaridade de áreas como a sociologia, a antropologia, a filosofia e outros ainda, que se abrem para o propósito do não atrofiamento do conhecimento em fragmentos, e que se propõe para a contextualização do conhecimento e para o desenvolvimento do espírito humano conjuntamente. Ressaltamos a importância e vivacidade do pensamento interdisciplinar para a realização dos processos educativos:

Queremos enfatizar o fato de que a interdisciplinaridade não é uma questão de modismo, mas de necessária retomada de seus valores e contribuições ao conhecimento e, notadamente, ao processo educacional. Fosse uma questão de moda, a fugacidade dos fenômenos, comum em modismos, teria dado por encerrada a discussão interdisciplinar. Não sendo modismo, a questão da Interdisciplinaridade revela-se um permanente pensar o conhecimento como um todo não fragmentado e uma dinâmica de ensino-aprendizado que viabiliza uma compreensão de unidade nos saberes construídos em contínua processualidade (Calloni, 2006, p.48-49).

Com isto, mais do que nunca, a educação representa a oportunidade de reflexão e de reforma do pensamento, por isso fazer a pergunta sobre qual a emergência da educação neste contexto é uma

necessidade e uma possibilidade de enfrentamento destes desafios educativos em sociedades tecnológicas. Assim, o pensamento interdisciplinar é como um passo inicial em que as diferentes disciplinas em contato possibilitam o emergir da transdisciplinaridade, em que se busca o ir além das disciplinas.

Sociedades tecnológicas: sociedades do ruído?

“A escuta das sonoridades do mundo força a sentir o escoamento do tempo”

David Le Breton

Cada comunidade humana a seu tempo histórico criou o seu universo acústico dotado de caracteres que a circundavam: como os fenômenos da natureza, as festividades, os ritos de passagens e os sons dos demais animais. Mais recentemente, com a Revolução Industrial passamos a inserir o apito do trem, a locomotiva e os trilhos e desde a década de 1950 novos ruídos mais foram inseridos no cotidiano das cidades e adentrando pequenos vilarejos. Hoje, com toda a aparelhagem de televisores, rádios, computadores, telefones móveis inteligentes e toda uma gama de outros aparelhos e dispositivos tecnológicos que integraram a vida privada, os sons das comunidades modificaram-se exponencialmente. Inclusive, muitas vezes compreendemos o barulho como sinônimo de produção, de trabalho e como uma não-solidão.

O fluxo de dados e de informações da presente era digital é de ordem numérica incalculável. Neste contexto, a informação assume um caráter de ruído neste gigantesco oceano de dados que é a rede informacional virtual. Aqui, o ruído está no sentido de perturbação e de desinformação. Como a observação que a epígrafe de David Le Breton (2016) nos informa, a escuta das sonoridades do mundo, ou a sua constância, força o sentir do escoamento do tempo. Isto

porque estamos completamente mergulhados na infinita quantidade de dados e de informações e não conseguimos ter tempo de assimilar as informações, nem tempo para o cuidado de si, muito menos para o cuidado com o outro, nas suas mais diferentes extensões, como o outro animal, o outro ser, o outro na sua maior representação, o planeta.

Michel Random (2000) no intuito de realizar a maiêutica da pergunta transdisciplinar sobre por que em nossos tempos modernos de avançadas tecnologias, o mundo ainda padece de tantos males, acerca das tecnologias e do real virtual, coloca o seguinte:

...As novas tecnologias, ao mesmo tempo instrumentos de trabalho, de comunicações e de jogos, oferecem-se como uma nova escapatória, uma fuga, de um real inconsciente para um real ainda mais virtual. Embora nos prestem serviços, elas armam ciladas contra o nosso tempo, reduzindo ou fazendo desaparecer nossos espaços para leituras e meditações. Todas estas questões e muitas outras sobre nosso futuro incerto, ligadas à ecologia, à degradação de nossas condições de vida, assombam o nosso cotidiano. Sentimos cada vez mais intensamente que nossa realidade repousa, apesar de seus aspectos tecnológicos, sobre areias movediças. O que podemos dizer às novas gerações? Que o que as espera é um amanhã sem amanhã? (Random, 2000, p.30).

Então, no mesmo sentido em que avançam as tecnologias e as sociedades tecnológicas, acompanhamos o avanço de incertezas que são capturados pelos ruídos de informação e que diretamente se relacionam com o conceito do tempo e, como os indivíduos membros dessas sociedades se relacionam com ele. Talvez o grande desafio que aqui desponta para a reflexão educativa é como transformar informação em conhecimento e como transformar conhecimento em sabedoria. Pois, de nada adianta termos todo o acesso informacional que dispomos hoje por meio das tecnologias e apenas ficarmos na

superfície desses dados, como seres autômatos a reproduzir uma informação, pela simples demanda de tê-lo de repetir.

A sabedoria não surge pela repetição da informação, ela incorpora-se no sujeito com o tempo através das experiências vividas por meio das aprendizagens. Humberto Mariotti (2000) nos explica que o conhecimento é representacional e operacional e a sabedoria é construtivista e estratégica.

A complementaridade dos dois (conhecimento e sabedoria) resulta no conhecimento informado – o que se elabora a partir de dentro, e nos permite construir o mundo ao longo do processo de nossas relações com ele. É o que costumo chamar de conhecimento sábio, que pode também ser definido como um modo de utilizar os saberes e a tecnologia que deles deriva para alcançar e manter uma qualidade de vida digna. Se grande parte do conhecimento teórico pode ser obtida pelo modelo mental cartesiano, tal não ocorre com a sabedoria. Nem o conhecimento, nem a sabedoria isolados são capazes de elucidar; por exemplo, as diferenças entre competitividade e competência. Para isso, é indispensável o conhecimento sábio (Mariotti, 2000, p. 129).

146

Por isso, uma educação que considera a complexidade das informações e se preocupa com o trabalho do desenvolvimento do espírito humano no intuito de conduzir ao conhecimento e a sabedoria faz-se necessária em nossas sociedades tecnológicas. Não como uma maneira de unicamente criticar as consequências ruidosas das sociedades tecnológicas, mas muito mais como uma maneira de pensarmos a sua contraparte, o silêncio, ou o silêncio de meditação. Para este propósito, na próxima seção deste artigo, iremos abordar sobre diferentes concepções do silêncio a partir de inspirações orientais para tecer os significados e sentidos do mesmo, num exercício de antropologia complexa.

Inspirações orientais para compor os significados e sentidos de silêncio (meditação)

“O silêncio não é o oposto de barulho.”

Jiddu Krishnamurti

Para este propósito, trataremos aqui do silêncio sobre o que a Filosofia Vedanta, não-dualista, e o Yoga, ambas vertentes de filosofias e práticas importantes da Índia, compreendem sobre este tema. Dentro do conhecimento de Yoga¹ existe, tradicionalmente, quatro caminhos principais, sendo um deles chamado de Jnâna-Yoga, que é o caminho da compreensão de si mesmo através da sabedoria e estudo. Pode-se dizer que é um trabalho de cunho mais mental ou racional. Aliás, curiosamente, os termos *Jnâna* em sânscrito e *gnosis* em grego, tem em comum a raiz indo-européia *gno que* significa conhecer (Feuerstein, 2006 p.67). O Jnâna-Yoga é chamado o caminho da visão do olho da sabedoria.

Assim a visão do olho da sabedoria, auxiliaria o praticante na busca do discernimento entre o real e o irreal pelo cultivo do conhecimento. O silêncio aparece como uma força intermediária para aguçar a visão interior na proposição de transformar conhecimento em sabedoria como há pouco falávamos. O silêncio, para essas tradições milenares, ao contrário daquilo que normalmente associamos a esta palavra no Ocidente, no Oriente ele é ativo. O silêncio ativo, feito de forma deliberada como um esforço por autoconhecimento é um trabalho de expansão dos sentidos internos que, por sua vez, traria um sentido de aproximação entre os pontos de contato entre o ser interno e o ser externo.

1 A palavra Yoga deriva da raiz Yug em sânscrito que faz alusão ao sentido de “união”. Porém, podemos tomar esta palavra como um sentido alargado daquilo que compreenderia toda a busca por autocohecimento que os seres humanos empreendem em suas vidas, como quando nos deparamos frente à pergunta - Quem sou eu? Pergunta esta que sempre está no horizonte de todo o buscador de si.

Swami Sivananda (1887-1963), conhecido orientador de Yoga da Índia, defensor de um yoga de caráter integral e praticante da filosofia Vedanta, em “A Senda Divina”, acerca do silêncio escreveu:

O silêncio é a língua de Brahman (Todo). O silêncio é a língua do coração. O silêncio é a língua do sábio. O silêncio é imensa força. O silêncio é grande eloquência...o objeto da vida é o silêncio. O propósito da tua vida é o silêncio. Por trás de todos os ruídos e sons se acha o silêncio, que é teu ser interno... é a experiência intuitiva. O silêncio ajuda o Ser intuitivo a expressar-se (Sivananda, 2006, p.431).²

A citação acima dá ao silêncio um caráter místico de possibilidade de transcendência do si mesmo. Sivananda aproxima a palavra silêncio de eloquência. Mas de quê eloquência seria esta que o autor fala se não a eloquência do ser interno? É o que nos provoca a pensar Sivananda, ao complementar seu pensamento ao dizer que o silêncio ajuda na expressão da intuição, termo este muito controverso em filosofias ocidentais e que em contextos de aprendizagem de Yoga está relacionado a uma parte do ser humano que está para além do campo mental, compreendendo aspectos mais sutis do ser.

Mais adiante, Sivananda continua, ao abordar que há várias formas de se fazer o silêncio físico conectando o silêncio não só à ação da fala, mas estendendo-o para outros órgãos do sentido como o tato, a audição e a visão. Talvez estes sejam os primeiros passos de um silêncio externo, mas que querem instigar o silêncio da mente balbuciante, que seria um silêncio de ordem mais interna. Mesmo atividades como imaginação, memória, razão, subconsciente e outras devem aos poucos estabelecerem-se em um descanso de silêncio profundo, embora estes termos citados estejam relacionados a psicologia ocidental e recebem outros nomes em contextos de filosofias indianas. Assim sendo, a observação dos impulsos internos

2

Tradução para o português de edição em espanhol do livro *A senda divina* de Swami Sivananda.

levaria a uma observação e entendimento também das reações externas.

Dentre os upanishads³ mais conhecidos e relatados na cultura indiana e reconhecidos pelo grande propagador da filosofia Vedanta⁴, Shankara⁵, está o Chandogya Upanishad⁶. Este texto começa por exclamar em primeira pessoa do singular para que os sentidos se tornem claros e fortes para que o conhecimento seja bem compreendido. Ou seja, uma postura mental silenciosa e de abertura, para que o conhecimento seja bem desenvolvido por aquele que se dispõe nesta jornada. Ao longo do texto chamado de Chandogya upanishad, é dito que aquilo que é conhecido como voto de silêncio, isso também é, na verdade, relacionado à continência. Pois, um ser humano, através da continência, perceberia o Eu interno e viveria em calma contemplação.

O ioga de Patanjali⁷ exige principalmente o cessar das atualizações flutuantes da matéria pensante, ou seja, o silêncio mental associado a uma existência virtuosa, a uma higiene de vida, ao domínio da respiração, um adestramento corporal através de diferentes asanas⁸. A meditação, sobre um ponto situado no próprio corpo ou no exterior deve conduzir ao samadhi, um estado em que a dualidade entre o mundo e o ser é abolida. (Le Breton, 1997, p.223)

O antropólogo David Le Breton investiga o silêncio sob diferentes perspectivas orientais. Desde as acepções do budismo, do zen, dos escritos chineses e hinduístas. Nesta parte acima citada, fala do aspecto de Yoga mais conhecidos pelo mundo ocidental

3 Upanishads é uma das partes das escrituras mais antigas da Índia. Não se sabe ao certo o número total de upanishads, nem os autores. Sua elaboração é atribuída aos Rishis, chamados sábios de alta intuição. Estimativas datam os upanishads entre os séculos XVI a VII a.C.

4 Uma das seis escolas filosóficas indianas, chamada também de não-dualismo.

5 Grande propagador da Filosofia Vedanta. Viveu entre os séculos VIII d.C. e IX d.C.

6 Um dos Upanishads mais conhecidos, retirado do livro: Os Upanishads: sopro vital do Eterno. De acordo com a versão inglesa de Swami Prabhavananda e Frederick Manchester com tradução para o português de Cláudia Gerpe, em edição atualmente esgotada, publicado em 1999, pela editora Pensamento, São Paulo.

7 Atribui-se a Patanjali a escrita de Yoga Sutras, provavelmente em 150 d.C. Obra sobre a prática e filosofia de Yoga feita em aforismos.

8 Posturas psicofísicas da prática de Yoga.

sob a formulação de Patanjali que prevê, oito passos sucessivos e encadeados para um estado de liberação, ou de união entre o si e o Todo ou o Absoluto (Brahman). Nesses passos estariam dispostos preceitos e condutas éticas e morais, prática física e respiratória, a prática de recolhimento dos sentidos, concentração, meditação e samadhi (êxtase).

No hinduísmo, aquele que busca a libertação das identificações com o mundo material, os apegos e personalidade, incarna no silêncio da não diferenciação com *brahman* (Le Breton, 1990, p.223). O autor relembra dentre os indianos, o que Ramana Maharshi considera sobre o silêncio, que também traz a correspondência com um sentido de uma eloquência ininterrupta. De acordo com Le Breton (1997), Maharshi dizia que: “no silêncio entramos em contato íntimo com o que nos cerca”. Descreve também o exemplo de Mahatma Gandhi (1869-1948) que costumava manter-se silencioso às segundas-feiras, e mesmo quando estava posicionado em situações que necessitavam de articulação retórica, Gandhi buscava não se desligar do silêncio interior, mesmo diante das palavras exteriores (Le Breton, 1997).

150

As tradições orientais evocam por vezes a imagem de uma música silenciosa, dirigida ao espírito, incitando ao recolhimento, a deixar livre o caminho interior. As sonoridades do silêncio desvendam uma outra dimensão da realidade, uma via espiritual, cuja escuta é de outra ordem (Le Breton, 1997, p.221).

As filosofias orientais de Vedanta e Yoga, ao mesmo passo que relatam práticas de caráter empírico de silêncios meditativos, relatam também um certo misticismo e hermetismo acerca do tema. Pois o silêncio estaria além da pergunta e da resposta, na transcendência da linguagem (Le Breton, 1997, 216).

No livro *Vivekachudamani*⁹ atribuído a Shankara, filósofo da corrente da Filosofia Vedanta, há o seguinte trecho: “o ar dentro de um jarro é uno com o ar de toda a parte. Do mesmo modo, teu Atman é uno com Brahman. ó homem prudente, desembaraça-te de toda consciência de separação e absorve-te no silêncio” (p.33). No texto *Vivekachudamani*, da Filosofia Vedanta, o silêncio então aparece como um lugar de habitação, onde a consciência individual (Atman) se reconhece na consciência coletiva (Brahman). Traduzindo-se como um estado mental que caracteriza-se por paz e pela não identificação com os desejos galopantes do ego.

Recentemente, foi publicado um livro intitulado *Silêncio*, de Thich Nhat Hanh (1926 -). Ele é um monge budista, professor e ativista da paz em todo o mundo e se dedica a espalhar conhecimentos milenares do budismo e sobre a aprender a viver com *mindfulness*, ou a chamada “atenção plena”. Para Hanh (2016) a *mindfulness* costuma ser descrita como um sino que nos lembra de parar e escutar o silêncio. O autor enfatiza que nossa sociedade vive uma dieta constante de barulho. Com isso, quer dizer, que não são apenas os alimentos comestíveis que nutrem o ser humano, mas também vários estímulos sensoriais, como sensações, desejos e medos. A qualidade do tipo de hábito de pensamento que mantemos também corresponde a nossa saúde em termos mentais e emocionais.

Contudo, muitos de nós, devido ao próprio modelo societário em que vivemos, temos receio de se voltar para dentro, como o monge Thich Nhat Hanh observa. E, não sabendo como lidar com o sofrimento que carregamos em nosso interior, passamos em busca de sensações que possam ser consumidas (Hanh, 2016, p.30). Para o autor, o

9

Traduzido para A Suprema Joia do Discernimento, em Português. Versão digital encontrada em <http://www.centroflordelotus.com.br/ebooks/discernimento.pdf>. Versão impressão, com o título de O Diadema da Sabedoria (1988) tradução para o português de Wanderley Gonçalves.

silêncio é essencial, até mesmo como um enfrentamento a um mundo tão barulhento, onde não há espaço para nós, ou seja, para a auto-observação. O silêncio não significa simplesmente não fazer nada., até porque grande parte do ruído que ouvimos vem do falatório incessante em nossas cabeças (Hanh, 2016, p.52).

Desenvolvemos até aqui uma abertura a compreensão do que vem a ser o silêncio e a meditação segundo inspirações de práticas e filosofias orientais. O nosso próximo passo está em tentar refletir sobre como o silêncio de meditação pode incorporar como uma preocupação também dos processos educativos e da educação da qual entendemos como pertinente em nossos tempos. Ou seja, uma educação que inspira o desenvolvimento integral dos seres humanos no enfrentamento dos desafios complexos e contemporâneos aliados ao desenvolvimento do conhecimento em sabedoria.

O silêncio da Meditação para o Aprender a Ser

152

“É de bem indicar que ensiná-lo a viver necessita não apenas de conhecimentos, mas a transformação, no seu próprio ser mental, do conhecimento adquirido em sapiência e a incorporação desta sapiência para a sua vida.”

Edgar Morin

Encontramos certas correspondências destes processos de meditação e de silêncio conscientes que são relatados na filosofia Vedanta, nas práticas de Yoga e de outras filosofias orientais, com o entendimento da noção de auto-eco-organização, que aparece em Edgar Morin:

A autonomia do vivo emerge da sua atividade de autoprodução e de auto-organização. O ser vivo cuja auto-organização realiza um trabalho ininterrupto, deve alimentar-se de energia, de matéria e de informação externas para regenerar-se em permanência. A sua autonomia é, portanto, dependente e sua auto-organização é uma auto-eco-organização (Morin, 2012, p.299).

Isto porque através do silêncio meditativo de auto-observação, podemos nos auto produzirmo-nos. Como que a estimular a produção de tempos individuais, internos, que representam tempos para a criatividade e o bem-estar. Assim o silêncio de autoconhecimento, aparece relacionado ao sentido de bem-estar, ou de saúde integral, que considera a saúde psicológica e física do ser humano, num todo complexo. Assim teríamos o silêncio, como uma organização interna do processo de cômputo, ou seja, do processamento e assimilação de informações, e que são, inegavelmente, muitas as informações em nossa sociedade contemporâneo, ainda mais frente a todo o processo de aceleração das tecnologias que hoje passamos.

No mesmo sentido de autoprodução de si mesmo, Humberto Mariotti, utiliza o termo autopoiese, que, em sua origem etimológica, quer dizer “produção de si”. Para Mariotti (2000), pode-se concluir que um sistema autopoietico é ao mesmo tempo produtor e produto. Ou seja, funciona no sentido de uma de circularidade produtiva (p.72).

O silêncio de autoconhecimento inspirado nos processos meditativos relatados por sabedorias e filosofias orientais, corresponderia a um passo no processo de Aprender a Ser. Isso significa um estado de ser e de sentido de ser que em raras oportunidades aprendemos ao longo de nossas diversas formações educativas, ou enquanto sociedade. O silêncio pode ser assim entendido como autopoiesis, no trabalho de ser produtor e produto de si. Com isso, a prática meditativa do silêncio, entra para agregar no processo de Aprender a Ser, processo que não é fechado em si ou em fórmulas fixas e que significa o desenvolvimento pleno do ser humano em toda a sua riqueza e complexidade: de espírito e de corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade (Delors, 2000, p.99).

A Educação, as formações e os currículos escolares acabam por serem mínimos e fragmentados em nossa sociedade. Em sua maioria, os processos educativos não fornecem uma visão do todo e nem favorecem o diálogo de saberes (Petraglia, 1995, p.69).

Isto porque aprendemos as disciplinas de maneira fechadas,

sem correlações com a vida, desarticuladas dos processos emocionais, psíquicos e espirituais. Passamos anos e anos em bancos escolares trabalhando conhecimentos que se fecham - e nos fecham - para uma estagnação que não tolera dimensões poéticas e, sem querer, reproduzimos em nossas práticas esta tendência fragmentária e de fechamento insular, inclusive nas relações humanas, e num sentido mais amplo também nas relações ambientais.

Aprender a viver em conjunto significa, é claro, antes de mais nada o respeito pelas normas que regem as relações entre os seres que compõem uma coletividade. Todavia, estas normas devem ser realmente compreendidas, admitidas interiormente por cada ser, e não sentidas como pressões externas. 'Viver em conjunto' não quer dizer simplesmente tolerar o outro em suas diferenças de opinião, cor e crenças; curvar-se diante das exigências dos poderosos; navegar entre os meandros de incontáveis conflitos; separar definitivamente sua vida interior de sua vida exterior; fingir escutar o outro permanecendo convicto da justeza absoluta de suas próprias posições. Caso contrário, 'viver em conjunto' transforma-se inelutavelmente em seu oposto: lutar uns contra outros (Nicolescu, 1999, p.145).

154

Como na abordagem transdisciplinar busca-se um equilíbrio entre o ser interno e o ser externo, o silêncio meditativo torna-se porta de comunicação entre estes níveis de realidade do ser. Ademais para Nicolescu (1999, p.144), construir uma pessoa verdadeira também significa assegurar-lhe as condições de realização máxima de suas potencialidades criadoras.

Há necessidade de se perceber a relação entre os múltiplos níveis de realidade e percepção, muito mais que as separações. Isto são proposições que a transdisciplinaridade faz, num sentido abrangente isto também é transespiritual e é transhumano, para além do aspecto espiritual e para além do aspecto humano. Assim poderíamos posicionar o silêncio como um aspecto do sagrado que forma parte do ser humano, no sentido de sua cultura e de sua própria elaboração sobre si. O silêncio como uma brecha de criação temporal que se abre

dentro da linearidade do tempo *cronos* para o sujeito se perceber, e neste exercício, com lucidez buscar as alternativas, caminhos e soluções para o seu desenvolvimento integral, aprendendo a viver e aprendendo a ser.

É ainda Nicolescu (1999) quem menciona que o “Aprender a ser” parece um enigma insondável, porque sabemos existir, mas de fato, sabemos ser?

‘Aprender a ser’ é um aprendizado permanente no qual o educador informa o educando tanto quanto o educando informa o educador. A construção de uma pessoa passa inevitavelmente por uma dimensão transpessoal. O não respeito deste acordo necessário explica, em grande parte, uma das tensões fundamentais de nossa época, aquela entre o material e o espiritual. A sobrevivência de nossa espécie depende, em grande parte dessa tensão, mediante uma conciliação vivida, num nível de experiência diferente do corriqueiro, entre estas duas contradições aparentes antagônicas. ‘Aprender a ser’ também é aprender a conhecer e respeitar aquilo que liga o Sujeito e o Objeto. O outro é um objeto para mim se eu não fizer este aprendizado, que me ensina que o outro e eu construímos juntos o Sujeito ligado ao Objeto (Nicolescu, 1999. P.146).

A Educação ainda é um tesouro a descobrir como aponta o relatório Jaques Delors da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, citado por Basarab Nicolescu no Manifesto da Transdisciplinaridade. Neste sentido, encontrar os meandros da percepção, como este “olhar de dentro”, pode significar em contribuição para os pilares básicos essenciais a um novo conceito de Educação: *aprender a Conhecer, aprender a Viver juntos, aprender a Fazer e aprender a Ser.*

O relatório Delors cita o relatório Aprender a Ser de 1974, onde está postulado que o desenvolvimento tem por objeto a realização completa do ser humano, em toda a sua riqueza e na complexidade das suas expressões e dos seus compromissos: indivíduo, membro

de uma família e de uma coletividade, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos. Acrescenta, ainda, que o desenvolvimento do ser humano é um processo dialético que começa pelo conhecimento de si mesmo para se abrir, em seguida, à relação com o outro (Delors, 2000, p.101).

No mesmo caminho do Aprender a Ser aqui relatado, Edgar Morin (1999) fala sobre o Aprender a Viver. Discute sobre a necessidade de a Educação ensinar a transformar o conhecimento em sapiência para que possamos lidar com os nossos mecanismos mentais, cognitivos e psíquicos de forma integral, o que é favorecido pelo autoconhecimento que o exercício do silêncio pode representar para o Aprender a Viver e o Aprender a Ser.

A Educação, ou seja, a formação humana como um todo, não é um amontoado de informações estanques centralizados ou nos sujeitos ou nos objetos. Ao contrário, é um processo dinâmico que coloca (re)organiza essas partes que se reconhecem numa rede complexa de trabalho individual e coletivo para a formulação e reformulação do conhecimento.

Se o diálogo é exigência existencial do ser humano para o aprimoramento da relação eu-tu, não seria, por acaso, o seu par aparentemente contrário do silêncio - assim como é entendido por correntes orientais - um caminho vital para a manutenção do próprio diálogo?

Pois o silêncio abordado aqui a partir de tradições orientais, visa ao aprimoramento da escuta atenta do ser interno. A partir disto, acredito que esta escuta interior não nos distancia da realidade, mas ao contrário, nos reposiciona na realidade objetiva, porém incorporando a observação do si mesmo, que reverberará na relação

do si com o outro e o mundo, retornando ao processo da relação como sociedade.

O exercício permanente da auto-observação suscita uma nova consciência de si que nos permite nos descentrar em relação a nós mesmos, logo de reconhecer o nosso egocentrismo e de medir o grau das nossas carências, lacunas, fraquezas (Morin, 2011, p.94).

O sujeito, na visão moriniana do pensamento complexo, é aquele capaz de se auto organizar e de estabelecer relações com o outro, transformando-se continuamente. É nessa relação que ele encontra a autotranscendência, superando-se, interferindo e modificando o seu meio numa auto-eco-organização a partir de uma dimensão ética.

Nesta proposição, o silêncio de autoconhecimento inspirado em leituras orientais pode apresentar-se como um exercício para o conceito de auto-ética, assim como aparece em Edgar Morin. O silêncio sendo o lugar, o espaço, a prática para a percepção no tempo de si e para o autocuidado, ou tempo e espaço ancorados pela praticabilidade dos exercícios de interiorização para a reflexão sobre si mesmo. Ademais, Edgar Morin argumenta em favor de uma necessidade de reabilitação da introspecção em nossas sociedades e que o processo de autoanálise deveria ser ensinado desde o começo para tornar-se um hábito corriqueiro (Morin, 2011). E ao pensar a partir da inspiração de Jean Paul Sarte, que diz que o ser humano, ao escolher pelo trabalho de conhecimento de si mesmo, estaria também escolhendo por toda a humanidade. Compreendemos que pensar no cuidado de si é simultaneamente pensar no cuidado do outro, porque indivíduo-sociedade-espécie não se dissociam na compreensão do pensamento complexo.

Conclusão

O presente artigo tratou de ser uma reflexão interdisciplinar sobre sociedade-tecnologia-educação. Sem apontar soluções fechadas, mas caminhos possíveis de reflexão no que tange os desafios educativos em nossas sociedades tecnológicas. Para isso buscou a inspiração dos significados que encontramos em filosofias e contextos de sabedorias orientais para tecer o complexo entendimento sobre o silêncio e a meditação. Assim, o silêncio de meditação aparece como uma autopoíesis, no sentido de tempo de escuta de si mesmo e tempo de escuta do outro, para o tempo do maturar das ideias, para que possamos transformar informação em conhecimento e conhecimento em sabedoria.

Há um uso constante das novas tecnologias e das comunicações virtuais e interativas que acompanha uma profunda mudança na maneira como nos relacionamos com o saber e a aprendizagem. A tendência é que o uso de tecnologias só venha a aumentar ainda mais em nossas sociedades e, a educação neste contexto não tem acompanhado no mesmo ritmo, não sabendo ainda se posicionar diante desses desafios.

Aqui o convite final é o de reflexão sobre a pergunta para onde vamos nas práticas pedagógicas enquanto educadores no cenário das novas tecnologias? Cada vez mais se torna evidente que o professor não pode ser aquele que simplesmente repete informações, mas aquele que estimula a busca de informações e propõe maneiras de transformar estas informações em conhecimentos. Neste sentido as novas tecnologias na educação podem ser estimulantes para a realização de pontes para outros momentos da forma como o saber se dá no processo de aprendizagem. Por outro lado, o intenso ruído das informações do mundo tecnológico, gera a desinformação e o desconhecimento. Mais do que nunca, a educação deve incorporar

aspectos humanísticos, de orientação para o quê iremos fazer com estas informações e como iremos incorporar estas informações nos modos de ser e de viver.

Uma abordagem *inter* e transdisciplinar provoca a buscar as diversas esferas e níveis que compõe o ser humano. O silêncio, a meditação e a auto ética se tornam valores educativos importantes nesses novos contextos de sociedades tecnológicos porque nos relembram que não somos apenas formados pela técnica, mas somos feitos do espírito humano, que é inventivo, artístico e poético. Assim, não se trata de opor-se as tecnologias, mas de fortalecer as buscas por sentidos do que seja o aprender e o que seja o aprender a ser, para com as tecnologias fazer da educação uma via de uma educação impregnada de encantamento pela vida e pelo espírito poético e inventivo dos seres humanos.

Referências bibliográficas

- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Calloni, H. (2006). *Os sentidos da interdisciplinaridade*. Pelotas: Seiva.
- Delors, J. (2000). *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez.
- Feurstein, G. (2006). *A tradição do yoga: história, literatura, filosofia e prática*. São Paulo: Editora Pensamento.
- Hanh, T. (2016). *Silêncio: o poder da quietude nu mundo barulhento*. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil.
- Harari, Y. (2018). *21 lições para o século 21*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Krishnamurti, J. (2009). *Pense nisso: reflexões libertadoras sobre temas do cotidiano*. Rio de Janeiro: Nova Era.
- Le Breton, D. (1997). *Do silêncio*. Lisboa: Instituto Piaget.

Le Breton, D. (2016). *Antropologia dos sentidos*. Petrópolis-RJ: Vozes.

Lipovetsky, G. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla.

Lipovetsky, G. (2012). *A globalização ocidental: controvérsia sobre a cultura planetária*. Barueri-SP: Manole.

Mariotti, H. (2000). *As paixões do Ego: complexidade, política e solidariedade*. São Paulo: Editora Palas Athena.

Morin, E. (1999). *Reformar o Pensamento: a cabeça bem feita*. Lisboa/Portugal: Éditions du Seuil Instituto Piaget.

Morin, E. (2011). *O método 6: ética*. Porto Alegre: Sulina.

Nicolescu, B. (1999). *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom.

Petraglia, I. C. (1995). *A educação e a complexidade do ser e do saber*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Random, M. (2000). *O pensamento transdisciplinar e o real*. São Paulo: Triom.

Sivananda, S. (2006). *Senda Divina*. Madrid-Espanha: Ediciones Libreria Arrgentina.

Touraine, A. (1994). *Crítica da modernidade*. Petrópolis- RJ: Vozes.